ANO 43 — SÉRIE VI — N.º 459 — DE NOVEMBRO 1973 PREÇO: 1$00

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

«O PCP conta com o apoio da classe operária e de amplas massas e goza de um prestígio sem paralelo. É o grande animador e dinamizador da luta popular e da unidade das forças antifascistas.

Quem quer que tome o PCP como alvo dos seus ataques colabora com os fascistas no combate à principal força revolucionária do nosso país. O anticomunismo é incompatível com a luta pela liberdade, com a luta pelo reconhecimento do direito à independência dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. No quadro das forças políticas portuguesas, não é possível o desenvolvimento da luta popular contra o fascismo e o colonialismo sem o PCP e muito menos contra o PCP.»

(do documento do Comité Central, — Julho de 1973)

A GRANDE CAMPANHA POLÍTICA DE MASSAS
Vitória do povo! Derrota do fascismo!

A grande campanha política de massas foi um enorme sucesso do nosso Partido, de outras correntes antifascistas, do movimento democrático no seu conjunto. Todas as tentativas do fascismo para a jugular, primeiro, e para a conter e domesticar, depois, foram derrotadas.

A burla eleitoral foi desmascarada. O governo de M.Caetano foi isolado. As massas populares apoiaram resoluta e inequivocamente os objectivos políticos da Oposição Democrática. A valentia e energia combativa de que deram provas marcam esta fase de luta do povo português. A campanha culminou com as múltiplas sessões de protesto contra a burla eleitoral e as grandes manifestações de rua de 20 e 25 de Outubro, no Porto e em Lisboa, e não com a mascarada de escrutínio efectuada pelos fascistas a 28 de Outubro. (...)

A repressão não verga os democratas

(...) Compelido a aceitar as candidaturas do Movimento Democrático porque, em caso contrário, «cá dentro e lá fora se erguerá um coro de protestos», como explicou M. Caetano, o fascismo lançou uma vasta operação repressiva contra a Oposição e o povo. Candidatos, membros das «comissões eleitorais», democratas, trabalhadores e jovens são presos, espancados, enxovalhados, multados pelos esbirros policiais. As sedes da Oposição são assaltadas, rebuscadas, roubadas pelas «forças da ordem» e as pessoas que lá se encontram sujeitas a identificações intimidativas e vexatórias. Sessões, comícios, reuniões de propaganda e de trabalho são interrompidas e proibidas à metralhadora. As manifestações de rua são selvàticamente reprimidas. Uma rancorosa pressão é exercida por funcionários do aparelho de Estado junto dos empresários das casas de espectáculos e das direcções das colectividades para que não cedam salas à Oposição. Estabelece-se que só os candidatos podem discursar nas sessões democráticas, que só os maiores de 21 anos podem participar nas sessões de propaganda.

Por toda a parte as forças repressivas exibem-se com grande aparato bélico, intervêm com brutalidade e não escondem ter ordem para recorrer às maiores violências. (...)

Centenas de milhares de portugueses em luta

Correspondendo às disposições combativas da classe operária e de todo o povo, a grande campanha política de massas desenvolveu-se impetuosamente e galgou os diques da repressão fascista:

São as grandes manifestações de rua do Porto e Lisboa; são as manifestações de Coimbra, Barreiro, Marinha Grande e Leiria;

São os cerca de 150 comícios realizados nos quais participaram activamente mais de 150.000 pessoas (só em cada um dos grandes comícios — os das Belas Artes e Vox em Lisboa, os três do Coliseu do Porto, os dois de Almada, o do Barreiro, o da Baixa da Banheira e o da Marinha Grande — participaram mais de 3.000 pessoas); são as centenas de amplas reuniões (dos metalúrgicos, dos têxteis, dos estivadores, dos operários da construção civil, dos electricistas, dos químicos, dos motoristas, dos bancários, dos caixeiros, dos empregados de escritório, etc.) nas quais participaram milhares de trabalhadores, assim como as dezenas de reuniões, mesas redondas, colóquios e convívios realizados pelos jovens trabalhadores, pelos estudantes, pelas mulheres, pelos intelectuais (médicos, professores, engenheiros, etc.);

É a abertura de mais de 40 sedes às quais acorrem dezenas de milhares de pessoas a dar o seu apoio e ajuda ao movimento democrático;

É a publicação de vários milhões de documentos abertamente distribuídos nas ruas apesar da feroz repressão fascista;

São tantas e tantas outras acções políticas levadas a cabo pelos democratas e amplamente apoiadas pelas massas populares. (...)

M. Caetano afirmou: «Sem uma expressa e clara manifestação da vontade popular, o Governo não pode deixar de seguir a orientação que tem seguido...» **A grande campanha política de massas é essa manifestação clara de que o povo português quer mudar de política, quer mudar de regime.**

Os trabalhadores na vanguarda

Os trabalhadores colocaram-se na vanguarda da grande campanha política de massas, imprimiram ao movimento democrático um carácter profundamente popular, apareceram em muito maior número do que no passado nas listas de candidatura da Oposição Democrática. Através destes candidatos, de comissões próprias, de grandes reuniões e assembleias, de colóquios e mesas redondas, de manifestos e comunicados largamente distribuídos procederam a uma firme denúncia do carácter antipopular da política de M. Caetano, divulgaram amplamente os seus objectivos de luta: por aumento de salários e contra o decreto que os congelou, contra a carestia de vida, contra o aumento dos impostos,

(continua na 2ª pág.)

Extractos do Manifesto da C. E. do PCP

Dezenas de milhar de pessoas
EM MANIFESTAÇÕES DE RUA

O furor do arsenal repressivo fascista foi impotente para conter o povo no colete de forças que o governo quis impôr. Além da centena e meia de sessões e comícios, nos quais participaram entusiasticamente centenas de milhar de portugueses, há que juntar muitas outras acções de massas. Merecem especial realce as grandes manifestações de rua de Lisboa e Porto, e ainda as manifestações de rua em Coimbra, Barreiro, Marinha Grande, Leiria e noutras localidades. A realização destas manifestações de rua em que dezenas de milhares de pessoas enfrentaram corajosamente as barragens e a selvajaria das forças repressivas, tiveram enorme significado político, mostraram a força e a combatividade crescente das massas e representaram um dos mais importantes sucessos da grande campanha política de massas.

Milhares de manifestantes nas ruas do Porto

Respondendo ao apelo da DORN do PCP apelando para uma manifestação no dia 20 de Outubro, «contra a burla eleitoral, pela liberdade, contra a guerra colonial, contra a repressão, contra o custo de vida galopante», muitos milhares de pessoas pejaram as ruas da baixa do Porto. Nas vésperas foram distribuídos cerca de 250.000 exemplares de documentos e tarjetas e explodiram dezenas de petardos com documentos.

Convocada para a Praça da Liberdade, mas prevista para locais diferentes, a manifestação arrancou na sua maior expressão, cerca de 10.000 pessoas, espalhadas desde o Coliseu, ruas Passos Manuel, Santa Catarina até à 31 de Janeiro. Em Santa Catarina, **em alas compactas, milhares de pessoas, braço com braço, ladeadas por passeios cheios de povo, levantam cartazes, e sob revoadas de tarjetas com as palavras de ordem, gritam em uníssono:** «Abaixo o fascismo», «Abaixo a burla eleitoral», «Abaixo a guerra colonial!», «Não às urnas!», «Amnistia!», «Viva a greve da Sacor!», «Viva a classe operária!», ao mesmo tempo que cantavam o «Avante camarada» e outras canções de combate. Na confluência com outros manifestantes concentrados na rua 31 de Janeiro, deu-se o choque com as forças repressivas, polícia de choque e Pide-DGS. Na sua sanha, a polícia caetanista invadiu e provocou destruições em vários cafés, na perseguição de manifestantes.

Noutros locais da Baixa a afluência popular era bem evidente. **Milhares de pessoas concentraram-se na placa central e passeios da Praça da Liberdade.** Estes milha-

(continua na 4ª pág.)

CES PCP

A grande campanha política de massas

(continuação da 1ª pág.)

pela semana de 45 horas, contra os decretos anti-sindicais e pela liberdade sindical, pelo direito à greve. (...)

A guerra colonial no centro da campanha

Saltando por cima das interdições e ameaças fascistas, a oposição popular à guerra colonial, o estreitamento da solidariedade de combate entre o povo português e os povos das colónias afirmaram-se irreprimivelmente nas sessões públicas, nas manifestações de rua e outras acções levadas a cabo pela Oposição Democrática, através de discursos, de moções, de cartazes, de consignas e palavras de ordem gritadas unanimemente pelos participantes. **A guerra colonial esteve no centro da grande campanha política de massas.** (...)

Uma campanha vitoriosa

O movimento democrático fortaleceu a organização, alargou a unidade, estruturou-se melhor a nível distrital, avançou na coordenação nacional, impôs as suas candidaturas ao fascismo, fez fracassar os propósitos do governo de o remeter ao silêncio e suscitar uma falsa oposição, enfrentou com sucesso a repressão, ultrapassou proibições e ameaças, tomou e conservou a iniciativa, conduziu uma grande campanha política, estreitou os laços que o ligam às massas populares, **está mais sólido e melhor colocado para o prosseguimento da luta.**

As concepções dos que preconizaram, a partir de argumentos oportunistas de direita ou «esquerdistas», a não intervenção na campanha eleitoral fascista foram politicamente derrotadas. O apreço do fascismo pela posição que adoptaram pode ser avaliado nas seguintes palavras do Ministro do Interior Rapazote: «Temos que prestar homenagem àqueles que se recusaram a participar nesta manobra sediosa.»

O fascismo não conseguiu fazer vingar os planos de lançamento duma oposição colaborcionista e ordeira, foi reduzido à defensiva pela acção das massas, deu provas de crescente pavor e desorientação à medida que se desenvolvia a luta popular, rompeu com total impudência as regras do jogo eleitoral que anunciara no início da campanha, lançou enormes forças repressivas numa vaga de violências e arbitrariedades contra a Oposição e o povo, mas cada vez mais enfraquecido, foi forçado a ceder, a dar o dito por não dito, **desmascarou-se completamente, chegou às urnas sózinho, ficou mais isolado interna e internacionalmente.** (...)

Atingiram-se dois objectivos fundamentais: **a burla eleitoral foi mais desmascarada do que nunca, tanto interna como internacionalmente, e o fascismo ficou mais enfraquecido e isolado; o movimento democrático saiu da campanha mais fortalecido para o prosseguimento da luta.**

Manter a iniciativa política e prosseguir o combate

A decisão dos democratas de se abterem de concorrer às urnas não foi um acto de abdicação, mas sim o justo coroamento da grande campanha política de massas, «um protesto activo contra a tirania».

As dezenas de milhares de pessoas que nos últimos comícios aplaudiam a abstenção e gritavam «não às urnas!», reclamavam, ao mesmo tempo, o prosseguimento da luta, a continuidade do Movimento. (...)

Há, pois, **que manter as comissões constituídas, adaptar as estruturas democráticas às novas condições de luta, continuar a impor o direito de organização, organizando.**

Há, pois, **que manter a iniciativa política desenvolvendo acções e campanhas em torno dos objectivos fundamentais do Movimento** (nomeadamente contra a repressão e pela amnistia, contra a carestia da vida, contra as guerras coloniais, pelas liberdades democráticas), **campanhas de solidariedade às lutas dos trabalhadores nas empresas e nos sindicatos.**

Há, pois, que **assegurar a continuidade da propaganda democrática através de boletins e documentos de análise e intervenção na vida política portuguesa.**

Aos movimentos específicos dos trabalhadores, dos jovens trabalhadores, dos estudantes, das mulheres, abrem-se novas perspectivas de acção e cabe-lhes um importante papel na continuidade da luta.

A Oposição Democrática demonstrou ser uma poderosa força em ascenção. Mantendo e alargando a unidade, prosseguindo a linha de massas, imporá ao fascismo a sua actividade permanente e alcançará novas e maiores vitórias.

Uma orquestração FASCISTA

A Televisão e alguns jornais fascistas (ÉPOCA, DIÁRIO NOTÍCIAS) procuraram criar uma onda de indignação à volta da **explosão verificada no Lavradio** (Barreiro) que vitimou uma criança de 8 anos. Todos eles recorreram à especulação para criarem a ideia que a explosão foi provocada por forças anti-fascistas. Outros, (até o próprio «Século»), admitem que a explosão foi causada por uma granada de mão, abandonada por qualquer militar, tal como já se verificou em variados lados.

Uma coisa é certa: à especulação bem orquestrada seguiu-se uma capa de silêncio. Porquê?

A explosão de bombas sem qualquer significado na luta contra o fascismo e a guerra colonial, nada têm de comum com a luta antifascista e, por isso, não podem ser apoiadas.

A Explosão do Lavradio, ou foi obra do acaso, ou da inconsciência de quem lá deixou a granada, ou então é uma abjecta maquinação fascista, provocatória, numa tentativa de enfraquecer o movimento popular de massas e justificar a furiosa acção repressiva e terrorista do Governo.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

A defesa acusa	5.000$00
A memória de Alb. Araújo	1.000$00
A memó. de Cata. Eufémia	3.125$00
A memó. de G. de Carvalho	540$00
Abaixo a G. Colonial (1)	100$00
Idem (2)	30$00
Idem	100$00
Idem (1)	150$00
Idem	200$00
Abaixo a guerra colonial	25$00
Abaixo o fascismo	300$00
Idem (SO)	210$00
ALEX	400$00
Algarvio (SO)	54$00
Amigo do Oeste	1.000$00
Amigos do Partido (91)	189$00
Amigos na Inglaterra	1.740$00
Amnistia	40$00
Bento Jesus Caraça	1.000$00
Idem	1.000$00
Idem	1.000$00
Camaradas emigrantes	324$00
Canções vermelhas	285$00
Casal amigo	100$00
Catarina Eufémia	100$00
Idem	50$00
Catarina — Guernica	100$00
Chico Moleiro (SD)	54$00
Com. Democrática (AU)	3.602$00
Com o Partido	100$00
CSP — AU	1.350$00
Cuba Livre	167$00
Democratas (AU)	540$00
Democratas (PP)	54$00
Democratas (SO)	270$00
Idem	432$00
Democrata amigo	50$00
Disco soviético	50$00
Duo vermelho	270$00
Emblemas — Vietnam	60$00
Emblemas do Vietnam	275$00
Emblemas 50º Ánio.	110$00
Ensino democrático	100$00
Estudante amigo do P.	40$00
Família Dias	162$00
Idem	54$00
Filhos do povo fardados	330$00
Fim à guerra colonial	200$00
Gaivota vermelha	400$00
Idem	1.000$00
G. D. A.	895$00
G. P.	108$00
Idem 4/73	108$00
Geologo bolchevique	2.800$00
Georgete e Sofia	500$00
Guilherme de Carvalho	175$00
Idem	175$00
Idem	175$00
Idem	175$00
Guilherme da C. Carvalho	1.000$00
J. Atir. (Jan. a Abril)	210$00
José Emigrado (AU)	80$00
Jovem Guarda	1.080$00
Lenine nunca morre	10$00
Lib. Angelo Veloso	10.000$00
Liberdade p. A. D. Lourenço	200$00
Idem	10.000$00
Lib. António D. Lourenço	20$00
Lib. António Gervásio	25$00
Idem	10.000$00
Lib. Horácio Rufino	100$00
Lib. Manuel Pedro	10.000$00
Lib. presos políticos	10$00
Lib. Rogério Carvalho	10.000$00
Liberdade para José Magro	54$00
Idem	10.000$00
Libório (Jan. a Abril)	110$00
Lusitano (Maio)	50$00
Manuel Rodrigues	200$00
Idem	70$00
Marta	40$00
Metalúrgicos revolu.	190$00
Médico antifascista	1.000$00
Médico vermelho	500$00
Militão	108$00
O Partido vencerá	108$00
Pedreiros revolucionários	140$00
Pela Demo. e Socialismo	15.000$00
Pela unidade da classe operária	15.000$00
Pelo fim da guerra em África — B	95$00
Pelo fim das guerras coloniais	30.000$00
Pelo fim do fascismo	20.000$00
Pelos nossos filhos	140$00
Pelo Port. Social. de amanhã	540$00
Pelo Socialismo	3.700$00
Pelo socialismo em Portugal	40$00
Idem	270$00
Postais soviéticos	100$00
Professor antifascista	100$00
Quatro cravos vermelhos	135$00
Relógio soviético	650$00
Idem	1.000$00
Revolução Democrática e Nacional	95$00
Revolucionário em Paris	32$00
Ribatejano resisteute	100$00
Sementes verme. no cosmos	1.000.00
Serra vermelha	700$00
Serrana	10.000$00
Idem	12.500$00
Simpatizante do Avante	150$00
Soeiro Pereira Gomes	3.000$00
Sousa	62$50
Trabalhadores de Sintra	50$00
Trabalhadores ser. (SO)	1.732$00
Trigo Vermelho	110$00
Uma amiga alentejana	292$00
Uma reunião	92$00
Um amigo do P	20$00
Um amigo do Partido (3º mão)	108.00
Uma amiga	200$00
Um Guevara português	40$00
Um marxista	50$00
Um operário dos TLP	50$00
Um portu. na Venezuela	2.700$00
Unidos contra o fascismo	500$00
Vidreiro firme	2.000$00
Vidreiros da velha guarda	165$00
Vitó. dos tra. da Abelheira	1.000$00
Viva o comunismo	670$00
Viva Cuba	200$00
Viva o Partido	80$00
Viva o PCP	500$00
Idem	300$00
Idem	25$00
Idem	20$00
V. L. J.	1.000$00
1º de Maio	37.300$00
Xico	82$50
2 Ribatej. emigrantes (21)	200$00
TOTAL:	263.239$00

pontos cardeais

« Eleições »

Nunca como desta vez o governo pôs à mostra a sua verdadeira cara. Uma chuva de decretos e proibições tem a marca de origem: o fascismo. Propaganda fora de salas fechadas e cercadas? Proibido! Falar na guerra colonial? proibido! Oradores além de candidatos? Proibido! Abester-se? Proibido! Mas o movimento democrático é poderoso. Rebenta com a camisa de forças. E quanto a ir votar na ponta de baionetas, perca a esperança o Caetano!

Generais

Não foram capazes de vencer a guerra, nem nenhuns outros afinal o seriam. Mas terão ricas chapeletas para se consolarem. O Kaulza vê-se administrador nos petróleos. O Deslandes já tem o seu quinhão. O Spínola não tardará a tê-lo. Desvirtuado o génio militar num lado, vão encher a bolsa para outro. Resta saber se as ambições ficam por aí.

Siglas

Os grupos esquerdistas são como as moscas. Numerosas quando há lixo, de que se alimentam. De vida tão efémera que um dia comprido de verão chega para que nasçam e morram.

A série é longa: ARCO, CAE, CAP, CAPLRPPCP, CCRML, CLAC, CL, ACS, CM, CMLDP, CMLP, CO, COB, CRBC, EDE, FAP, FEML, GIPP, JCM, LO, LP, MAR, MPAC, MRPP, OC, OCMLP, PCPML, PM, RPAC, SVP, UAR, UECML, UP, URML, etc. etc. (Vão por ordem alfabética para evitar susceptibilidades, que há são muitas).

Agora é a FRTP, que se regista como filha legítima da CCARP-PLN e, promete, como as antecessoras, fazer finalmente a Revolução. Felizmente o alfabeto tem letras bastantes para satisfazer a imaginação criadora de siglas dos revolucionários de opereta.

Alívio

Vendo o movimento andar para diante, os verbalistas anticomunistas perdem as estribeiras. Leiam-se os papelinhos do que chamam «Comissões Anti-Eleitorais». Cada linha, uma mentira. Em cada linha, um insulto. Impotentes, babujam inveja, ódio, raiva e despeito. Irritam-se tanto mais, quanto não conseguem irritar ninguém. Furiosos, descompostos, estão próximos da apoplexia. Deixem-nos esbracejar. Isso alivia-os.

GES PCP

TRES DIAS EM GREVE os operários da Sacor!

Mais de 600 operários da **Sacor**, em Leça da Palmeira, numa admirável unidade internacionalista de classe, **mantiveram-se em greve até à satisfação da quase totalidade das suas reivindicações.** Esta luta, para além da sua importância pelo número de trabalhadores que nela participou, pelas formas que revestiu e pelos resultados alcançados, teve ainda um significado muito especial, pois uniu no mesmo combate e numa magnífica unidade proletária trabalhadores portugueses, espanhois, franceses, gregos, alemães, todos irmanados na sua condição de explorados pelo capital sem pátria.

Com efeito, na reparação e ampliação das instalações da Sacor em Leça da Palmeira a cargo duma empresa francesa (Secometal), duma empresa alemã (DSD) e de várias empresas portuguesas, trabalham, além de operários portugueses e ainda de portugueses radicados em França, cerca de uma centena de operários dos países referidos.

Dada a necessidade de encontrarem mão-de-obra especializada estas empresas ofereceram salários e condições de trabalho que depois não cumpriam. Não respeitavam as regalias expressas no CCT dos metalúrgicos, impunham ritmos de trabalho extenuantes, 55 horas de trabalho por semana sem pagamento das horas extraordinárias, não pagavam o domingo. Os dias 5 e 6 de Outubro, como o pessoal não tivesse podido trabalhar devido a terem de ser limpas e reparadas as tubagens, foram descontados.

Todos estes factos começaram a provocar um grande descontentamento entre os operários e por todos os lados apareceram inscrições como: «Abaixo as 55 horas», «pagamento dos domingos», «abaixo a exploração», «viva a luta dos trabalhadores», «façamos greve contra os exploradores», etc. No dia 12 de Outubro, os trabalhadores portugueses e estrangeiros, de mãos dadas, gritando os mesmos slogans e ainda «Vamos para a greve!» dirigiram-se para uma grande sala onde fizeram um autêntico comício. Foi num clima de entusiasmo e de combatividade que foram elaborados os cadernos reivindicativos. Para os portugueses: contrato por 6 meses; semana de 48 horas, com pagamento das extraordinárias e os encargos expressos no CCT dos metalúrgicos; aumento de salário de 10$00 por hora (o salário base era de 20$00 por hora, recebendo os operários 50 a 65 escudos com os diversos prémios estabelecidos); pagamento dos 30 dias. Para os estrangeiros: aumento de salário; aumento de 300 para 400 escudos diários nas ajudas de custo; pagamento de viagem periódica para França, segundo a lei francesa.

Foi eleita uma Comissão de 3 operários para negociar com os patrões, que se recusam por duas vezes a recebê-la e querem discutir individualmente. Em resposta os operários reforçam a Comissão com mais 5 elementos, enquanto todos os trabalhadores em greve continuam a concentrar-se numa grande sala e em discussão quase permanente, formam um Comité de Greve em que estão representados também os trabalhadores estrangeiros e não cedem nem às manobras divisionistas nem às ameaças de repressão do patronato.

Finalmente, no dia 16, os patrões são obrigados a ceder e pedem para falar com a Comissão, exigindo então os operários que os patrões viessem à sala falar com todos. O patronato pretendeu ainda dividir os trabalhadores dispondo-se a satisfazer apenas as reivindicações dos portugueses. Mas a firme recusa destes em se prestarem a tal manobra e a inquebrantável solidariedade entre todos obrigou o patronato a desistir dos seus intentos. Os operários portugueses conseguiram um aumento de 5$00 por hora e os estrangeiros aumento de 50$00 diários nas ajudas de custo. As outras reivindicações de uns e outros foram quase todas satisfeitas, conseguindo os trabalhadores da Sacor uma magnífica vitória que se deve à sua firme unidade e grande combatividade e solidariedade manifestadas. A Comissão de Trabalhadores Democratas do Porto publicou dois comunicados de solidariedade. Sem dúvida que também contribuiu para esta vitória o inteligente aproveitamento do momento particular que se vivia, com milhares e milhares de trabalhadores a participar em sessões de propaganda política e outras reuniões de discussão e esclarecimento dos problemas nacionais.

Muitos milhares de trabalhadores participaram, destacadamente, sob variadíssimas formas na grande campanha política de massas. Durante a campanha, nas sedes do MDP. Democrático e em outros locais, realizaram-se muitas e muitas reuniões, assembleias, mesas redondas, colóquios e encontros de trabalhadores, alguns deles de âmbito regional e inter-regional.

No conjunto dessas reuniões e encontros, participaram milhares de trabalhadores das mais diversas profissões e localidades, os quais debateram colectivamente a situação em que trabalham e vivem, discutiram os numerosos problemas que enfrentam nas empresas numa perspectiva de luta de classes e de luta antifascista. Todas essas realizações foram um valioso factor de consciencialização e contribuiram grandemente para o reforço da unidade e da organização dos trabalhadores de cada empresa, de cada classe, no plano sindical, à escala regional e nacional.

A grande campanha política de massas deu assim um grande contributo à unidade de acção da classe operária, ao alargamento das acções de massa e da organização unitária dos trabalhadores.

Prosseguir nesse caminho, criando novas e variadas comissões de trabalhadores, promovendo a discussão, a preparação e o desencadeamento imediato de pequenas e grandes acções de massas pela obtenção das reivindicações mais imediatas, nomeadamente por aumentos de salários e melhores condições de vida — são questões que se colocam prementemente a todos os trabalhadores.

LUTAS NAS EMPRESAS

50 operárias vencem após 13 horas de greve

Na Electro-Cerâmica (Gaia), — desde há 5 meses que as operárias metalúrgicas vinham lutando persistentemente com abaixo-assinados, paralisações, idas ao Sindicato, etc., para obrigar o patronato a cumprir o CCT dos metalúrgicos a que têm direito. Os patrões da Eletro-Cerâmica, como muitos outros, tudo têm feito e tudo fazem para fugir ao cumprimento dos CCT, desde mudar os operários dum sindicato para outro, ao cometimento de muitas outras arbitrariedades, com a complacência e o consentimento dos fascistas do INTP. Só pela luta firme e unida os trabalhadores conseguem fazer recuar o patronato e seus aliados. Foi o que mais uma vez (e agora com êxito) fizeram estas operárias.

No dia 1 de Outubro, aproveitando a presença na empresa do advogado e dirigentes sindicais para tratar do problema, as 50 operárias da secção paralisam o trabalho durante mais de 3 horas. O chefe do pessoal engendra uma manobra dizendo que o problema já está tratado e que a partir desse dia passariam a receber as regalias dos metalúrgicos, o que leva as operárias a retomarem o trabalho. Entretanto, durante a tarde, são informadas de que tudo se mantém na mesma, sendo anulado o que lhes haviam dito demanhã.

Isto cria uma grande indignação entre as operárias, que no dia seguinte recomeçam a luta não tocando no trabalho durante todo o dia, apesar dos apelos e ameaças da administração. Finalmente recebem resposta desta dizendo que passavam a receber as regalias dos metalúrgicos, o que causou um enorme regosijo entre todas. Depois disso têm-se recusado em bloco a fazer horas extraordinárias.

O recomeço da luta no dia 2 foi ajudado por uma tarjeta que apareceu espalhada na secção incitando as operárias a prossegui-la até à vitória e que provocou um grande entusiasmo.

Paralisação na EFACEC—No dia 9 de Outubro os 300 operários metalúrgicos duma secção **paralisaram o trabalho** durante toda a manhã para reivindicar aumento de salários. Uma outra secção fez **duas paralisações** de meia hora e ainda noutra os operários agitaram-se. Foi formada uma comissão que entrou em contacto com a gerência a quem apresentou a reivindicação geral de salários. A gerência prometeu que daria no princípio do ano.

Esta paralisação foi um passo muito importante dos trabalhadores da EFACEC para a conquista de melhores salários. No entanto o patronato conseguiu com a essa manobra dilatória a retomada do trabalho sem satisfazer as reivindicações dos operários.

Mais uma vez se prova que a unidade, a organização e a firme determinação dos trabalhadores são condições necessárias para o êxito da luta.

Nos S.T.C.P. os trabalhadores conseguiram finalmente, ao cabo de cerca dum ano de luta com greves, paralisações, concentrações e abaixo-assinados, obter um aumento de 500$00 mensais, o que representa uma importante vitória e a satisfação duma das suas principais reivindicações. Continua no entanto a existir descontentamento, pois o pagamento do 7º dia ainda não foi conseguido, pelo que se impõe a continuação da luta.

Na Lisnave as empregadas da limpesa, que trabalham por conta de empreiteiros, concentraram-se à entrada recusando-se a pegar no trabalho para reivindicarem aumento de salários. Perante a sua unidade e firmeza, os patrões concederam o aumento (irrisório) de $50 por hora, aumento que viriam a retirar em seguida sob um pretexto calunioso. Só a continuação da luta unida e firme poderá trazer a vitória às empregadas da limpeza da Lisnave.

No Hospital de Santo António o pessoal serventuário fez uma concentração para reivindicar melhoria de alimentação e horários mais convenientes. Foram recebidos pelo administrador que não atendeu os pedidos, mas a luta não teve seguimento por falta de organização.

LUTA SINDICAL

O SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO PORTO realizou no salão da FNAT uma assembleia geral em que participaram cerca de 2000 metalúrgicos para definirem a posição a tomar face à próxima revisão das retribuições mínimas do CCT que terá lugar no próximo mês de Janeiro.

A assembleia decorreu num clima bastante caloroso, com muitas intervenções de apoio à direcção e de apelo à combatividade da classe para a conquista de novas tabelas salariais que melhorem a situação económica dos metalúrgicos.

Em LISBOA o G. Civil proibiu a realização duma assembleia no SINDICATO DO PESSOAL DOS T.L.P. para analisar os problemas relativos ao novo ACT em discussão. Foi posto a circular um abaixo-assinado de protesto contra esta arbitrariedade e a Comissão Sindical do Porto, da classe, fez distribuir um comunicado a denunciar a prepotência e a solidarizar-se com os seus colegas de Lisboa.

No SINDICATO DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DE LISBOA (secção da indústria automóvel) realizou-se uma assembleia geral com a presença de 400 empregados para apreciação da contra-proposta do Grémio, tendo esta sido repudiada por unanimidade como ultrajante para a classe. Foi ainda dado todo o apoio à Comissão Directiva para que esta enfrente o patronato sem ceder um palmo.

No SINDICATO DOS VIDREIROS DA MARINHA GRANDE realizou-se também uma assembleia com a presença de cerca de 500 operários para discutir vários problemas de interesse para a classe, nomeadamente a contra-proposta do Grémio para o CCT e o despedimento dum companheiro de trabalho vítima da repressão patronal pela sua actividade sindical, procurando os trabalhadores encontrar formas de solidariedade adequadas.

GES PCP

MANIFESTAÇÕES DE RUA

(continuação da 1ª pág.)

res de pessoas iam-se deslocando, num clima de expectativa tensa, aguardando a confluência dos manifestantes dispersos, para arrancar por sua vez.

No dia 24, após a realização dum comício no Coliseu do Porto, milhares de pessoas manifestaram novamente nas ruas a sua vibrante indignação contra o fascismo, contra a guerra e contra a burla.

Manifestação e concentrações em Lisboa

Uma campanha de agitação como há muito não se realizava na região de Lisboa (o número de manifestos e tarjetas ultrapassava os 350.000) apelava para uma manifestação antifascista no dia 25 de Outubro.

Às 18,45 foram lançados três morteiros de foguete do alto do Parque Eduardo VII — era o sinal para o romper da manifestação dos pontos periféricos para a Praça Marquês de Pombal. Aqui, estavam concentradas cerca de 5.000 pessoas. No Rato concentravam-se à volta de 1.000 pessoas, no Saldanha umas centenas; as ruas Braancamp, Duque de Palmela e Alexandre Herculano estavam cheias de gente.

As forças repressivas impediram que a manifestação rompesse no Marquês, mas à palavra de ordem de «todos para o Tivoli» grupos de pessoas começaram a deslocar-se pelos passeios laterais da Avenida nessa direcção. A estes juntaram-se grupos de manifestantes que no Rato tinham lançado gritos de «Abaixo a guerra colonial!» e a polícia forçara a dispersar em várias direcções.

A partir do Tivoli organiza-se um desfile. Os manifestantes ocupam a faixa de rodagem central da Avenida da Liberdade e rompem a gritar: «Abaixo a guerra colonial!», «Amnistia!», «Abaixo a burla!». São umas largas centenas de pessoas que descem desde o Tivoli até ao cruzamento com a rua da Alegria onde uma brigada da polícia de choque lhes barra o caminho, obrigando a dispersar. São feitas várias prisões, mesmo de transeuntes. Também no Rato foram efectuadas detenções.

Mais de 1.000 manifestantes em Coimbra

Em Coimbra, à volta de 1.500 pessoas concentram-se à porta do cinema para assistir a uma sessão de propaganda que aí se devia realizar mas que entretanto o governador civil arbitrariamente proibira. Quando um dos candidatos, num comício relampago, falava aos democratas ali concentrados das ilegalidades do g. civil e denunciava a escalada da repressão, 5 polícias saltaram-lhe em cima, o que levantou um coro de protestos da assistência contra a repressão e o fascismo.

Ainvestida da polícia, ferindo e fazendo prisões os democratas decidem deslocar-se para a Portagem, concentrando-se aí cerca de 1.000 pessoas que gritam «abaixo o fascismo!», «abaixo a repressão!», intervindo de novo a polícia com grande ferocidade e fazendo mais prisões e feridos.

Nova manifestação, desta vez com cerca de 200 pessoas viria ainda a ter lugar, rompendo pela Ferreira Borges e cantando o «Canta camarada» e gritando slogans.

No Barreiro uma romagem transforma-se numa manifestação

No dia 6 de Outubro cerca de 300 democratas dirigiram-se em romagem ao cemitério do Lavradio. Perante isso, o cemitério foi fechado «para trabalhos» (!) Os democratas, empunhando a bandeira e cantando o hino nacional dirigem-se para a Baixa da Banheira, sendo já cerca de 500 quando chegam à saída do Barreiro. Aí esperava-os a GNR, PSP e PIDE-DGS que cercavam a vila. Foram presos 4 democratas e levados para Caxias, onde estiveram 2 dias.

Resistência nos quartéis

A grande campanha política de massas também foi levada até às forças militares. Em inúmeros quartéis de várias Regiões Militares foram distribuidos milhares de documentos, nomeadamente o «Avante» e o boletim unitário «IRFA». Em vários deles apareceram grandes inscrições: «Abaixo a guerra colonial»; «Independência para as colónias»; «Abaixo o militarismo fascista».

O aparecimento desses documentos e inscrições causou furor à oficialidade fascista e grande satisfação entre os soldados, marinheiros e outros militares, havendo casos em que se disputavam os documentos para se fazerem colecções.

Razões de segurança impedem-nos de relatar variadas acções realizadas em quartéis, como é o caso de reuniões de amplitude variável onde se discute e se condena unanimemente a odiosa guerra colonial. Essas reuniões e a criação de comités de luta unitários são formas importantes de organizar acções contra a guerra e as prepotências fascistas e em defesa dos direitos dos soldados e outros militares.

No quartel das Caldas da Rainha houve dois levantamentos de rancho. Num deles, cêrca de 600 soldados mantiveram-se de pé, no refeitório, durante duas horas, e recusaram-se a comer uma péssima refeição de peixe. O oficial de dia, Rocha Neves, ameaçou fazer prisões, mas ante o borburinho que imediatamente se estabeleceu, logo recuou e mandou preparar outra refeição.

O outro levantamento de rancho, este dos cabos milicianos, foi igualmente vitorioso, pois conquistaram as suas reivindicações: melhoria do rancho: a comida e o vinho servidos em terrinas e jarros próprios; toalhas nas mesas.

A continuação da guerra colonial provoca um cansaço e descontentamento crescentes, a par de contradições e choques de interesses, até mesmo entre a oficialidade que apoiava ou ainda apoia a guerra colonial. As reuniões realizadas por muitas dezenas de oficiais do quadro contra o decreto-lei 353/73 sobre a promoção de oficiais milicianos e que levaram à elaboração duma exposição enviada a A. Tomaz e a M. Caetano, exposição essa apoiada individualmente e colectivamente por centenas de oficiais de diversas patentes, no país e nas colónias, demonstra quanto se agravam as dificuldades fascistas, mesmo no seio do exército colonialista.

Encontro F. S. M. — Sindicalistas Portugueses

Uma delegação de sindicalistas democratas de Portugal teve um encontro com uma delegação da Federação Sindical Mundial, composta pelos camaradas A. Masetti, secretário da FSM, e R. Mazza, chefe do Serviço Europa.

No decurso duma discussão amistosa, a delegação portuguesa informou a FSM sobre o aprofundamento da crise do regime fascista, o agravamento da situação económica e social, os repetidos atentados contra as liberdades, e as medidas repressivas, bem como àcerca do papel nefasto dos monopólios e das sociedades multinacionais, das consequências dolorosas das guerras coloniais conduzidas em Moçambique, Angola, Guiné-Bissau.

A delegação pôs em destaque o desenvolvimento das lutas e as novas perspectivas de acção da classe operária e do Movimento Democrático contra a ditadura fascista.

A delegação da FSM reafirmou a sua inteira solidariedade com as corajosas lutas dos trabalhadores e democratas portugueses:

— Por uma vida melhor
— Belos direitos sindicais e as liberdades democráticas fundamentais
— Contra a dominação dos monopólios e das sociedades multinacionais
— Contra as guerras coloniais.

Informou também a delegação portuguesa dos princípios e objectivos do 8º Congresso Sindical Mundial.

Em seguida a esta troca de opiniões, que reflectiu a identidade de posições, as duas delegações tomaram as medidas necessárias para o reforçamento dos laços de amizade, de cooperação e de solidariedade internacional.

Praga, 5-10-1973

Os marginais...

Existem marginais de vários géneros. Mas apesar deles usarem argumentos e linguagens diferentes, é curioso reparar que todos eles tiveram posições coincidentes: nada de participar na campanha política de massas! Eles puseram-se, assim, à margem da campanha, razão por que foram «honrados» pelo Ministro do Interior, no discurso que fez em Faro, com uma «homenagem àqueles que se recusaram a participar nesta manobra sediciosa» (deve ler-se: que se recusaram a participar nesta campanha política de massas contra o fascismo e a guerra colonial!).

Os marginais que se intitulam revolucionários perderam as estribeiras. No preciso momento em que centenas de milhar de portugueses lutavam corajosamente contra o fascismo; no momento em que os candidatos e activistas democratas eram presos, espancados, mutilados, dando todos eles provas de grande firmeza política e até física, continuando a luta e não cedendo à repressão e intimidação fascistas; nesse mesmo momento alguns desses pseudo-revolucionários lançaram uns papelinhos onde acusavam OS QUE LUTAVAM de colaboracionistas com o Governo!

São colaboracionistas os que lutam contra o fascismo ou os que procuram sabotar essa luta? Haverá ainda quem duvide?

Alguns desses desagregadores não foram capazes de distribuir abertamente esses papelinhos provocatórios. No Coliseu do Porto (teriam achado que estava demasiada gente?), os tais papelinhos apareceram, em sítio próprio... Nas retretes!...

Alguns dos estudantes verbalistas de Lisboa promoveram um «manifesto» deles para aprovar moções que depois disseram ser da Academia. Os 8 primeiros oradores (nestes casos não é preciso ser-se candidato...) dedicaram inteiramente os seus dotes oratórios a combater (o fascismo? Que ideia...) a CDE e os movimentos de libertação que eles consideram «revisionistas» ao defenderem negociações e o regresso dos soldados. Disseram eles que isso é o que o fascismo quer! E eles, que quereriam eles que não seja desagregar, dividir e ajudar o fascismo?

É sabido que a repressão fascista aumenta à medida que cresce o seu isolamento. O mesmo sucede com os provocadores - verbalistas: o crescente isolamento deles leva-os ao desespero e à provocação aberta. Um grupo de 13 deles, num acto «revolucionário» heróico, assaltaram a sala da direcção eleita da AA de Medicina de Lisboa e agrediram os 5 únicos dirigentes que lá se encontravam a trabalhar! A PIDE-DGS não faria melhor!

Pontos nos ii

O Ministro Rapazote prestou homenagem «AQUELES QUE SE RECUSARAM A PARTICIPAR» e não «a Oposição abstencionista», como afirma erradamente uma Comissão Democrática de um distrito que procurou justificar a sua não-participação na luta «eleitoral». É tentar lançar poeira confundir a abstenção nas urnas com a abstenção-luta na campanha política. O fascismo teria obtido uma vitória política se tivesse havido abstenção nas urnas sem a grande campanha política de massas. Mas a abstenção nas urnas, após uma campanha política que mobilizou centenas de milhar de portugueses na luta contra o fascismo e a guerra colonial, esta abstenção teve enorme significado político, representou a mais completa denúncia da burla eleitoral, foi uma séria derrota para o fascismo e constituiu uma importante vitória democrática e todo o nosso povo.

Américo Fernandes Sousa

Durante uma excursão num país socialista, o camarada **Américo Fernandes de Sousa**, jovem operário da serralharia «A Moderna do Corvo» em Arcozelo, Gaia, membro do nosso Partido, foi vítima de um acidente morrendo afogado. Ante o trágico desaparecimento do nosso camarada, o «Avante!» manifesta o seu pesar à família enlutada e aos numerosos amigos, que justamente apreciavam o seu espírito de classe, a sua modéstia e combatividade.

Os colonialistas acossados em 3 frentes

«Amadurecem as condições que colocarão na ordem do dia o fim da guerra colonial e uma solução política do problema». Esta conclusão da reunião de Julho do C.C. do PCP vem sendo confirmada pelos êxitos militares e políticos do PAIGC, do MPLA e da FRELIMO, pela amplitude da luta popular contra a guerra colonial dentro da grande campanha política de massas e pelo crescente irreversível isolamento do fascismo na arena internacional que as últimas votações na ONU revelaram cruamente.

3 mortos por dia

A propaganda caetanista manipula, com crédito nulo, as derrotas militares e os progressos da luta libertadora nas colónias. Mas o que não pode é ressuscitar os soldados mortos nem tornar capazes os milhares de mutilados e inválidos numa guerra que odeiam. Disseminando os mortos por vários jornais e omitindo parte deles, ocultando o número de feridos, não consegue no entanto evitar que os portugueses conheçam o sucessivo aumento de baixas no exército colonial. O número de mortos nos últimos 10 anos, segundo os números oficiais, é de cerca de 5.700, número que não oferece garantias reais e que deve ser bem superior. **Durante este ano a média mensal de mortos é de 3 por dia em Moçambique, na Guiné e em Angola.** Agosto, quando a clique caetanista e a oligarquia monopolista fizeram as suas férias, segundo os comunicados diários morreram 45 militares em Moçambique, 42 em Angola e 22 na Guiné. **109 mortos num só mês**, na sua grande maioria soldados!

Esta delorosa realidade acrescida ao morticínio monstruoso provocado entre os africanos em luta e as populações, anula todos os esforços da propaganda, demonstra bem o reforço e amplitude da luta de libertação e a inanidade dos esforços colonialistas.

Radicaliza-se a luta

A grande campanha política de massas teve como característica de primeiro plano a intensificação e radicalização da luta popular contra a guerra colonial e por uma solução política. O povo português demonstrou insofismavelmente a sua adesão às reivindicações anticolonialistas contidas na Plataforma Nacional do Movimento Democrático. Nos comícios e sessões, nas manifestações de rua, nas reuniões sobre a guerra ou sobre os problemas dos trabalhadores, das mulheres, da juventude, dos intelectuais — a repulsa pela guerra, pelos crimes colonialistas, a exigência de negociações foram gritadas por dezenas e dezenas de milhares de vozes do povo. Apesar das ameaças, da campanha de intimidação e do clima de terror, o fascismo não pôde impedir a difusão da propaganda democrática contra a guerra, o desmascaramento do seu carácter antipopular e das terríveis consequências que acarreta para o povo e a dependência do imperialismo, nem conseguiu fazer calar os candidatos do povo.

A hostilidade internacional

As últimas votações na Assembleia Geral da ONU sobre a inscrição na agenda do reconhecimento da República da Guiné-Bissau evidenciaram o progressivo isolamento do fascismo e o apoio internacional cada vez mais declarado aos movimentos de libertação.

Só votaram contra: os gangsters internacionais americanos, os fascistas da Espanha e Grécia, os racista da África do Sul, os gorilas do Brasil e da Bolívia. Abstiveram 20 governos: 11 membros da Nato (o que é, aliás, significativo), 8 regimes reaccionários sul americanos, 1 único país asiático (o Japão). A favor da admissão da proposta 88 votos: todos os países socialistas, todos os africanos, os asiáticos, grande número de países como a Suécia, a Finlândia, a Noruega.

A gravidade deste progressivo isolamento internacional dos fascistas foi, aliás, reconhecida na demagogia amarela de M. Caetano que lhe dedicou boa parte da «conversa do seu último discurso». Desespero que roçou no ridículo quando pretendeu ironizar a realidade da nova República: ele que continua a «eleger» deputados por Goa onde o seu rasto desapareceu!

Depois da burla eleitoral, a luta pelo fim da guerra e pela independência das colónias deve manifestar-se com o mesmo vigor, em conjugação com as reivindicações populares básicas. O fascismo colonialista encurralado por todos os lados acabará vencido.

AMNISTIA — exigência nacional

Em todos os comícios, sessões, concentrações e manifestações de massas realizadas durante a campanha «eleitoral», dezenas e dezenas de milhar de pessoas gritavam: **«Amnistia! Amnistia!»**

Nos discursos dos oradores democratas, nos cartazes afixados nas sedes do Movimento Democrático ou nos recintos onde se realizaram comícios, nas estradas e muros do país, inscreveu-se a reivindicação da **Amnistia** e por todo o lado se exigiu **Amnistia!**

A exigir a **Amnistia**, assim como a libertação imediata de **Dias Lourenço, José Magro** e outros presos, foram recolhidas muitos milhares de assinaturas, aprovadas dezenas de moções e telegramas colectivos, editados postais e outros documentos.

A **Amnistia** não é só uma reivindicação democrática. Os variados apelos em prol da Amnistia, o calor das dezenas de milhar de vozes que gritaram essa reivindicação, os muitos milhares de assinaturas recolhidas, tudo isso **indica que a Amnistia é cada vez mais uma exigência nacional.**

Os Governos fascistas de Salazar-Caetano têm chamado «amnistia» a simples e até irrisórias reduções de pena. Em 1945, isto é, há cêrca de 30 anos, houve efectivamente uma Amnistia com a qual foram libertados os presos políticos. Na Argentina, e até na Grécia dos coroneis fascistas, e na Jordânia hanchemita houve recentemente Amnistias que puzeram em liberdade os presos políticos. Mas a clique fascista de Caetano-Rapazote continua a opôr-se a uma real Amnistia. **A continuação da luta por essa aspiração nacional pode forçar o Governo a conceder uma Amnistia.**

Nas cadeias de Peniche e Caxias, encontram-se destacados patriotas e militantes operários como Dias Lourenço, José Magro (que contam já 17 e 20 anos de prisão), António Gervásio, Diniz Miranda, Ângelo Veloso, Rogério de Carvalho, Manuel Pedro e muitos outros, alguns deles gravemente doentes, e que urge pôr em liberdade.

Aos muitos milhares de assinaturas recolhidas durante este ano e no período da campanha política de massas, há que juntar novos milhares de assinaturas até ao próximo Natal e exigir uma ampla e imediata Amnistia.

Por todo o país, há que criar Comissões ou manter e alargar as que já existem, para prosseguir a luta pela Amnistia, desenvolvendo as mais variadas iniciativas nesse sentido.

ÁLVARO CUNHAL faz 60 anos

Álvaro Cunhal entrou para o PCP em 1931 com 17 anos de idade. Era então estudante na Faculdade de Direito de Lisboa. Como primeiras tarefas partidárias, trabalhou na Liga dos Amigos da URSS, Socorro Vermelho Internacional e Grupos de Defesa Académica. Participou activamente no movimento associativo estudantil, sendo em 1934 eleito pelos estudantes de Lisboa como seu representante no Senado Universitário. Nesse mesmo ano, o Partido deu-lhe a tarefa de dirigir a reorganização da Federação das Juventudes Comunistas na região de Lisboa e Margem Sul. Em 1935 foi eleito secretário geral da FJC, participando nesse mesmo ano no VI Congresso da Internacional Juvenil Comunista realizado em Moscovo. Começa então a sua vida clandestina. Na primavera de 1936, passa a fazer parte do Comité Central do Partido. Enviado em missão a Espanha, está em Madrid os primeiros meses da guerra.

Tendo reentrado clandestinamente em Portugal, foi preso no verão de 1937. Torturado, guardou os segredos do Partido. Libertado um ano depois, volta imediatamente à actividade, e, preso em 1940, passa mais cerca de um ano na prisão.

Participou activamente na reorganização do Partido de 1940-41. Novamente na clandestinidade, foi enviado para o Norte do país, para desenvolver a organização partidária. No Outono de 1942, foi chamado ao Secretariado do CC, de que fez parte até à sua nova prisão em 1949.

Nesses anos, teve um papel activo em todo o trabalho de direcção do Partido, nas medidas de defesa, na formação dum forte núcleo de revolucionários profissionais, na criação do aparelho técnico, no desenvolvimento da organização, na criação duma direcção colectiva estável, na preparação e desenvolvimento das lutas operárias, designadamente nas grandes greves de 1943, 44 e 47, na criação do movimento de unidade antifascista, na redacção da imprensa do Partido e no restabelecimento das relações com o movimento comunista internacional, interrompidas desde 1939.

Fez, em nome do secretariado do CC, os relatórios políticos ao III Congresso do Partido realizado em Novembro de 1943 e ao IV Congresso realizado no verão de 1946.

Preso em Março de 1949 e mantido incomunicável durante 14 meses, recusou-se novamente a responder a quaisquer perguntas. Levado a tribunal nos dias 3 e 10 de Maio de 1950, fez aí um ataque à política do governo e à defesa da orientação e acção do Partido. Condenado, permaneceu na prisão 11 anos seguidos, 8 dos quais em completo isolamento.

Em 3 de Janeiro de 1960, junto com outros destacados militantes, evadiu-se da fortaleza de Peniche. Na reunião do CC realizada a seguir, em Fevereiro, foi de novo chamado ao Secretariado do CC.

Na clandestinidade no interior do país, participou em todo o trabalho de desenvolvimento do Partido. Na reunião do CC de Março de 1961, foi eleito Secretário geral do Partido, cargo que não tinha sido preenchido desde a morte de B. Gonçalves em 1942, no Tarrafal.

No VI Congresso realizado em 1965, fez o relatório político do CC. Deu activa contribuição para a elaboração de documentos fundamentais, designadamente o Programa do Partido.

No cumprimento das suas tarefas, intervem em todo o trabalho de direcção central.

Tem também participado em numerosas delegações do PCP a países socialistas, em encontros com partidos irmãos e em conferências internacionais.

Alguns dos seus livros e artigos têm larga expansão.

Com 60 anos de idade e 42 anos de actividade nas fileiras do PCP, continua a dar a contribuição que lhe cabe como secretário geral do Partido.

CES PCP

MÉDIO ORIENTE

Imperialismo e sionismo FAUTORES DE GUERRA

A natureza belicista do imperialismo americano, a sua definitiva oposição custe o que custe à luta de emancipação nacional e social dos povos, o seu temor de que a competição com o sistema socialista na coexistência pacífica marque o fim do seu poderio e domínio sobre milhões de homens — tudo isto está a ter no Médio Oriente cabal demonstração.

Utilizando como testa de ferro os expansionistas israelitas e seus dirigentes nazis, os Estados Unidos procuram manter naquela região um permanente foco de tensão e de perigo para a paz, mantendo numa situação de miséria e desespero o povo palestino esbulhado da sua terra, humilhando os povos árabes cujo território continua ocupado pelo agressor sionista. Ao mesmo tempo vão procurando minar a evolução progressista dos países árabes, criando uma situação de instabilidade que propicie a manutenção do seu domínio sobre as riquezas, nomeadamente o petróleo.

No entanto a correlação mundial de forças não evolui favoravelmente para o imperialismo. A resistência dos povos oprimidos, tem hoje um poderosíssimo aliado e amigo na União Soviética e outros países do campo socialista e conta com apoio dos trabalhadores e progressistas em todo o mundo, inclusive nos próprios países imperialistas. A União Soviética colocando nas mãos dos povos em luta as modernas armas que lhes permitam defender legítimas aspirações e lutando por um clima de desanuviamento internacional que facilita a compreensão e o triunfo das lutas de libertação, é cada vez mais o baluarte dos povos oprimidos e a garantia da vitória sobre o imperialismo. Os despeitados pela crescente força da URSS, pelo prestígio que vem ganhando junto de milhões de homens em luta e pela sua influência decisiva para a expansão das ideias do socialismo, aliam-se a propaganda burguesa para tentar identificar a URSS com os EUA como superpotência. Apenas querem ocultar que a imensa potência económica, militar, tecnológica, social e política da URSS é fruto do socialismo e está ao serviço das lutas de libertação nacional e social.

UM LACAIO PRONTO PARA TUDO

Outro dado importante da presente crise foi a relutância de grande número de países capitalistas em apoiar o conluio americano-sionista contra os povos árabes e palestino. SÓ O FASCISMO CAETANISTA PERMITIU QUE O TERRITÓRIO NACIONAL DOS AÇORES FOSSE UTILIZADO PARA O TRANSPORTE DE ARMAS PARA OS AGRESSORES, colocando-se no papel efectivo de colónia americana. Nem a RFA, a Inglaterra e outros países da Nato deixaram de marcar as suas distâncias. Na posição dos países capitalistas entra o seu interesse no petróleo, mas para ela contribuiu a pressão da opinião e das forças progressistas que aspiram pela paz e pela independência do Pentágono americano.

A chantagem nuclear americana, colocando de prevenções seus arsenais no mundo com o fim de intimidar e ocultar a difícil situação de Nixon, os escândalos e a corrupção da sociedade «livre» americana, perdem o seu efeito perante a firmeza da URSS e as reservas dos seus aliados.

A situação no Médio Oriente foi marcada pela solidariedade entre as forças do socialismo e os povos em luta pela libertação nacional, cujos dirigentes vão aprendendo na prática quem são os seus aliados e que nada adiantam os compromissos com o imperialismo. Porém, por muito que recolte os revolucionários no mundo, foi bem diferente a posição dos dirigentes chineses que até da tribuna da ONU destilaram o seu ódio e despeito para com a URSS, não fortalecendo a frente anti-imperialista. Contagiados pelo verbalismo, que eles próprios alimentaram, é nulo o apoio que prestam aos países árabes e aos palestinos, atacam quem lhes dá força militar e política e, quando chega o momento de impor a paz, o recuo para as fronteiras por parte dos israelitas e a solução do grave problema do povo palestino... nem coragem de tomar posição tiveram!

Na situação delicada que persiste no Médio Oriente terá enorme importância que em todos os países, e em Portugal, se manifeste por várias formas o sentimento anti-imperialista e a luta contra os agentes da guerra e da opressão.

Rádio Portugal Livre

Transmite diàriamente em 3 períodos de emissão. Das 8 às 8,30 em 19, 20, 20,8 e 25 metros. Das 24,20 às 24,50, em 25, 26, 32 e 36 metros. Das 19 às 21 em 19 e 25 metros.

Aos domingos, transmite também das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

O 56.º aniversário da REVOLUÇÃO DE OUTUBRO!

Há 56 anos o proletariado russo, dirigido pelo seu partido revolucionário bolchevique, o partido de Lénine, e tendo como aliado a grande massa do camponesato, levou a cabo a maior revolução da história ao tomar de assalto o poder do capital na imensa Rússia. A fundação do primeiro Estado dos operários e camponeses, o Estado soviético, foi um acontecimento de importância incalculável que viria instaurar um novo tipo de relações entre os homens e modificar a face do mundo. Iniciava-se a maior transformação económica, social e política da história vista sobre a terra. Iniciava-se a transformação dum imenso país atrasado e inculto mas de enormes recursos num país próspero e independente, com um povo a partir de então senhor do seu destino, edificando uma pátria socialista. A partir de então passam a existir dois mundos antagónicos. Quebrara-se um dos elos da cadeia imperialista que dava lugar ao nascimento dum mundo novo.

A grande Revolução Socialista de Outubro abriu a via da emancipação da humanidade e possibilitou já a libertação de outros povos da opressão e exploração capitalistas, dando lugar à formação do campo socialista do qual a URSS é o grande baluarte. Na aliança das três forças revolucionárias da nossa época que se opõem ao imperialismo e que são o sistema socialista mundial, o movimento operário internacional e o movimento nacional libertador, a URSS e o PCUS têm papel determinante.

A URSS é hoje um país com uma economia moderna e altamente desenvolvida. Sob a bandeira leninista o povo soviético constrói a sociedade socialista desenvolvida e edifica as bases técnico materiais do comunismo. São enormes as realizações do povo e do Estado soviéticos nestes 56 anos.

Presentemente está em realização o 9º plano quinquenal. NOS PRIMEIROS 27 MESES DE EXECUÇÃO A PRODUÇÃO INDUSTRIAL IGUALOU A DE TODO O 7º PLANO (1961-65). DESDE O INÍCIO DA REALIZAÇÃO DO PLANO JÁ FORAM CONSTRUÍDOS 4.500.000 NOVOS ALOJAMENTOS.

O povo soviético é hoje dos mais avançados do mundo nos campos da cultura, da ciência e da técnica. A Grande Revolução socialista de Outubro abriu o caminho da instrução às largas massas. Logo em 1919 foi adoptado o decreto sobre a supressão do analfabetismo, que então atingia mais de 80% da população. O ensino, até aí privilégio duma minoria, tornou-se gratuito e foi instituída a instrução primária obrigatória de 4 anos. Desde 1962 a instrução obrigatória é de 8 anos e, segundo as Directivas do XXIV Congresso do PCUS, entre 1971 e 1975 será elevada para 10 anos, isto é, corresponderá à instrução secundária completa.

Nas escolas superiores soviéticas há cerca de três vezes e meia mais estudantes que na Inglaterra, França, Alemanha Federal e Itália reunidas, embora a população destes países seja quase igual à da URSS. A formação de engenheiros ultrapassa 285.000 por ano, enquanto que nos E.U. é apenas de cerca de 60.000. A URSS tem mais dum quarto dos médicos do mundo e cerca de metade dos da Europa, um médico para menos de 400 pessoas.

A URSS está sempre ao lado dos povos que lutam pela sua independência e pela liberdade, que lutam contra a opressão colonialista ou a agressão imperialista. A grande ajuda prestada pela URSS ao povo do Vietnam, aos povos árabes e aos povos em luta para se libertarem do colonialismo, como é o caso dos povos das colónias portuguesas, tem sido e continua a ser um dos factores determinantes da derrota dos agressores e opressores. Todos os que lutam pela liberdade e contra a tirania encontram na União Soviética e no seu povo uma sempre pronta e actuante solidariedade.

A URSS luta consequentemente pela paz. A política de coexistência pacífica iniciada por Lénine, continua a ser a política do PCUS e do governo soviético. Foram os esforços da URSS com a participação doutros Estados socialistas que conduziram ao actual desanuviamento na Europa, à realização da Conferência de Segurança e Cooperação Europeias cuja segunda fase decorre em Genebra e que visa, para além da consolidação da paz na Europa, a cooperação e o desenvolvimento das relações entre os povos nas várias esferas das relações humanas. O Congresso Mundial da Paz que acaba de realizar-se em Moscovo com a participação de milhares de delegados das mais diversas organizações de todo o mundo e de destacadas personalidades é bem o símbolo do papel da URSS na luta pela paz.

Apesar da repressão e das imensas dificuldades impostas pelo fascismo, trabalhadores portugueses, homens e mulheres progressistas do nosso país, têm encontrado formas de comemorar a Grande Revolução socialista de Outubro. Mais uma vez a ditadura fascista não consegue impedir que numerosos trabalhadores, a classe operária, homens e mulheres de progresso comemorem uma data que lhes pertence como a toda a humanidade progressista.

Uma delegação do PCP NA JUGOSLÁVIA

No mês de Setembro uma delegação do PCP, composta pelos camaradas **Pedro Soares** e **João Tavares**, membros do Comité Central do PCP, visitou a República Socialista Federativa da Jugoslávia, a convite da Presidência da Liga dos Comunistas da Jugoslávia.

A delegação do PCP teve conversações com uma delegação da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, composta pelo camarada **Bosko Siljegovic**, presidente da Comissão para as Relações Internacionais da Presidência da Liga dos Comunistas da Jugoslávia e membro da Presidência da Liga, camarada **Zvonko Grahek**, vice-chefe da Secção para as Relações Internacionais da Presidência da Liga e camarada **Ramadan Marmulaku**, secretário para as Relações Internacionais da Presidência da Liga dos Comunistas da Jugoslávia.

As duas delegações procederam a uma troca mútua de informações e opiniões sobre a situação política dos respectivos países e a actividade dos dois partidos.

As convessações decorreram num ambiente de lealdade, de franqueza, de respeito mútuo e de franca camaradagem.

A delegação do PCP teve ainda conversações sobre problemas de interesse mútuo com o camarada **Budislav Soskic**, membro do Bureau Político da Presidência da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, com o camarada **Milos Sindjic**, membro do Secretariado do Comité Central da Liga dos Comunistas da República Socialista da Sérvia, com o professor **Alexander Fira**, juiz do Tribunal Constitucional da Jugoslávia.

A delegação visitou lugares históricos e o importante Combinado Agrícola de Belgrado, que ocupa uma área de 82 mil hectares e a Central Hidro-eléctrica de Derdap — as Portas de Ferro — nascida da cooperação romeno-jugoslava e que hoje alimenta um vasto sistema hidro-energético que se estende à Checoslováquia, Húngria e Bulgária.

A delegação do PCP encontrou um acolhimento afectuoso e fraterno da parte dos camaradas jugoslavos em todos o lugares onde se deslocou.

morreu SALVADOR DO POMAR

Por ter caído dum sobreiro quando trabalhava na extracção da cortiça por conta dum agrário, morreu **Salvador do Pomar**, natural e residente no Escoural. Militante do Partido, **Salvador do Pomar** soube sempre colocar-se à frente na luta pela defesa dos interesses da sua classe, pelo que gozava da estima e consideração do proletariado rural da sua região. Preso e torturado pela PIDE, **Salvador do Pomar** defendeu com honra o seu Partido e a liberdade dos seus camaradas. Nas cadeias fascistas, onde permaneceu alguns anos, enfrentou sempre com dignidade e firmeza os carcereiros.

O «Avante» presta homenagem à sua memória.